

A HISTÓRIA E O OCEANO DA MEMÓRIA: ALGUMAS REFLEXÕES*

*Regina Célia Gonçalves***

"... as lembranças se gravam na minha memória com traços cujo encanto e força aumentam dia a dia; como se, sentindo que a vida me escapa, eu procurasse aquecê-la pelos seus começos". (J.J. Rousseau. Confissões)¹

Intensamente investigado, nos últimos anos, por vários pesquisadores de diferentes áreas do saber, o campo da "Memória" têm se constituído, em especial para os historiadores, um sério desafio a exigir permanentemente uma reflexão mais aprofundada acerca das suas relações com a História. E no que diz respeito a esta questão, definitivamente não estamos a caminhar por terra firme, por nada que se assemelhe aos campos aparentemente plácidos e estáveis de outras áreas. Para nós, historiadores, coloca-se a necessidade de um mergulho nas profundezas insondáveis das águas do imenso oceano da memória, aliás, em seus mares: o da lembrança e o do esquecimento. Pois, se a memória é composta por mecanismos de depósito, armazenamento, retenção, também o é por mecanismos de seleção e descarte. Trata-se de um oceano de águas sempre agitadas, sempre vivas. Ao mar do esquecimento estava relegada até bem pouco tempo a "história dos excluídos", história permeada por silêncios, muitos deles, inclusive, determinados pela própria sociedade. Na verdade, neste sentido, podemos observar a ocorrência de uma "amnésia social", que pode ser definida como o "*esquecimento e a repressão*

* Este artigo foi extraído do Capítulo I da dissertação de mestrado *Vidas no Labirinto: Mulheres e Trabalho Artesanal. Um Estudo Sobre as Artesãs da Chã dos Pereira - Ingá - PB*, defendida junto ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais/UFPB.

** Professora de Teoria e Metodologia da História da UFPB. Mestre em Ciências Sociais pela UFPB. Doutoranda em História pela USP

¹ Citado por BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1987, p. 34.

da atividade humana e social que faz e pode refazer a sociedade"². MENEZES classifica as manifestações da amnésia social em três tipos: a) a "damnatio memoriae" (a condenação da memória, muito freqüente em regimes totalitários); b) as ocultações, dissimulações, inversões que ocorrem nesse campo e que nem sempre estão ligadas às instâncias de dominação, mas também à necessidade de esquecimento e c) a amnésia da história dos excluídos. E, em especial, no que diz respeito a esta última, o autor chama a atenção para o fato de que, apesar de todos os esforços que se tem realizado para revertê-la, não basta "... apenas dar voz aos silenciados. É imperioso detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento e suas regras e jogos"³. Ou seja, neste oceano da memória, devemos ter a preocupação de procurar entender os mecanismos através dos quais ele brota. Caso contrário, a emergência dos excluídos enquanto objetos/sujeitos da história tornar-se-á irrelevante e seus efeitos, passageiros, por não implicarem em aprofundamento/ruptura da concepção hegemônica do conhecimento. Para que estas múltiplas vozes possam ter um efeito, de fato, transformador, é necessário que as conheçamos, bem como as condições de sua elaboração, de seu silenciamento e de sua emergência.

Parece-nos ser esta a trilha mais inovadora em meio ao verdadeiro "boom" da memória que hoje observamos nas sociedades ocidentais. Esse "momento memorial", expresso na preocupação com a preservação de acervos e arquivos, do patrimônio histórico, cultural e ecológico da humanidade; na multiplicação de lugares da memória (galerias, bibliotecas, museus, entre outros); no resgate da história dos excluídos, tem aspectos extremamente positivos,

"... na medida em que não só reflete a salutar emergência da consciência política, como também recolhe, organiza e conserva indicadores empíricos preciosos para o conhecimento de fenômenos relevantes e

2 Cf. Russell Jacoby, citado por MENEZES, Ulpiano B. *A História Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais*. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.34. São Paulo, 1992, p.17.

3 MENEZES, *Op.cit.* p.18.

merecedores de análise e apreensão histórica".⁴

Ou seja, um dos aspectos mais vigorosos dessa preocupação recente com a memória é justamente a tentativa de recuperá-la no sentido de buscar os elementos que não foram registrados pela história oficial, buscar o passado para recuperar os nexos perdidos.

Antes de avançarmos nesta direção, se nos coloca a necessidade de precisar melhor a utilização que fazemos da categoria memória, principalmente porque nos referimos a inúmeras questões levantadas pela já vasta bibliografia sobre o tema. Questões como: as relações entre História e Memória; a conjuntura que explica o atual "boom" da memória; as intersecções entre individualidade e coletividade; os lugares da memória, entre outros.

O que é memória?

Na verdade, o termo é utilizado para designar fenômenos de duas ordens distintas, embora confluentes. Se, por um lado, denomina um processo que ocorre a nível da mentalidade humana, seja ela individual ou coletiva, por outro têm sido utilizado correntemente para caracterizar a cultura material das sociedades através do tempo.⁵ Este elemento - o tempo - se constitui no lastro da memória, que pode ser genericamente definida como a capacidade que o Homem tem de reter e guardar o tempo que se foi, de evocar o passado. Concordando com Chauí⁶, seria ela, a memória, a nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo. É a consciência da existência de um passado, tanto o do sujeito que lembra quanto "*... o relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas*".

*"A memória não é um simples lembrar [que ocorre espontaneamente] ou recordar [que é um trabalho deliberado da consciência], mas revela uma das formas fundamentais da nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado"*⁷.

4 MENEZES, Op.cit. pp.9-10.

5 No artigo "Memória", da obra *História e Memória* (1992), Jacques Le Goff faz uma interessante discussão acerca da definição do termo, dos tipos de memória e de como ela foi concebida através dos tempos, partindo das sociedades sem escrita até os dias atuais.

6 CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

7 CHAUI, Op.cit. p. 130.

Assim, como dissemos acima, a palavra memória denomina tanto, a) o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pelas sociedades (trata-se de uma dimensão "interior" da memória) quanto b) a existência objetiva da experiência dos grupos, através do tempo, objetividade essa expressa nos monumentos, documentos e relatos da sua história.

Essa segunda dimensão, a memória que "...aparece como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente"⁸, tem se constituído como o eixo central desse "boom" preservacionista que observamos no mundo ocidental contemporâneo. Um "boom" que se manifesta com a preocupação em conservar e restaurar aquilo que corre o risco ou já foi desgastado e de resgatar aquilo que foi esquecido ou perdido. Essa expansão da memória no campo da cultura material seria a demonstração de que ela se tornou, antes de tudo, uma memória arquivística, uma "...memória registradora que delega ao arquivo o cuidado de lembrar por ela."⁹

Pierre Nora apresenta tal conclusão - expressão mais acabada do "boom" a que aludíamos anteriormente - por conceber uma nítida diferença entre aquilo que considera a memória verdadeira, aquela abrigada no gesto e no hábito¹⁰, e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase o contrário, é voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea.

Tal diferença decorre de sua compreensão de que o mundo moderno, a sociedade industrial, conduziu à desagregação dos grupos portadores da memória, em especial, as sociedades camponesas. Através desse processo, a história teria se apoderado do terreno antes ocupado pela memória, passando a ser a atribuidora de sentidos e identidades. Um exemplo bem acabado de tal situação é o que ocorre a partir da década de oitenta, no campo da historiografia francesa. Diante da avançada crise social observada no país, vive-se um intenso

8 MENEZES, Op.cit. p.10.

9 NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares*. In *Projeto História*. N.10. São Paulo: EDUC, 1993. pp.14-15

10. Alude aqui à dimensão interior da memória, a memória retrospectiva, à qual contrapõe a memória da cultura material, campo de domínio da história. No que diz respeito à compreensão dessa memória gravada no gesto e no hábito, a contribuição mais importante é a de Bergson, através da sua concepção de uma "memória hábito". Esta seria um automatismo psíquico que adquirimos pela repetição contínua de alguma coisa, seria a memória dos mecanismos motores, um processo que se dá pelas exigências da socialização; um serviço para a vida cotidiana, que faz parte de todo o nosso adiestramento cultural. (apud BOSI: 1987).

momento memorial, em que se retoma a discussão de temas como a questão nacional. Exemplo de tal preocupação é a obra de Fernand Braudel, autor que, depois de ter produzido trabalhos sobre a história européia e a história mundial, debruça-se, nesse período, novamente sobre a França. Pode-se afirmar que hoje há uma demanda social da memória, decorrente da crise social. É que a história, retomando o (embora não retornando ao) "mito nacional", contribui decisivamente para a construção de uma nova identidade social francesa, sustentada pela criação dos lugares da memória e pela transformação, em monumento comemorativo, dos fatos/datas significativos da sua história. O melhor exemplo dessa situação foi o grande espetáculo em que se transformou 1989, o ano do bicentenário da Revolução Francesa. É claro que não se trata simplesmente de recuperar os fatos do passado, através de uma retomada da concepção da "histoire événementielle", trata-se, sobretudo, de recuperar a memória para buscar os elementos que não foram registrados pela história oficial, com um objetivo bem claro: reafirmar a identidade nacional. E, nesse processo, o que se observa é que os historiadores estão interessados não tanto pelos fatos, mas, sobretudo, pelos traços dos fatos. Observa-se, assim, que, ao mesmo tempo em que há a já aludida multiplicação do campo memorial, ocorre também o seu esmigalhamento¹¹.

Como aponta, muito adequadamente, Menezes, a expansão da memória no campo da cultura material, em si, não se constitui um problema, salvo os de ordem prática:

"(...) O problema não está na generosidade dessas iniciativas [disseminação dos "lugares da memória"], mas, do ponto de vista do conhecimento, na sua onerosa serventia, pois, longe de fornecer um caminho aberto aos historiadores do futuro, eles exigirão um penoso trabalho prévio de codificação desse simulacro de presente petrificado em memória, sem dúvida precioso, ao menos para o estudo do imaginário e das mentalidades. Com efeito, a falta de orientação crítica, o predomínio do

11 Tais considerações sobre a historiografia francesa contemporânea se pautam em anotações das seguintes conferências do historiador François Dosse, durante o XVII Simpósio Nacional de História da ANPUH, realizado em Recife-PE, 1995: "Identidade e Nacionalidade na Historiografia Francesa"(26/7/95) e "Conjuntura Historiográfica Atual"(28/7/95).

*descritivo, o descompromisso com qualquer problemática previamente delineada fazem com que essa massa enorme de documentos corra o risco de transformar-se num duplo fragmentado e parcelar do presente empírico.*¹²

Tal esmigalhamento, segundo Nora, para além da questão estritamente acadêmica, decorre do fato de que a memória viva já não se acha inscrita no conjunto social. Sendo assim, por definir a memória como

*“... a vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente mutação, aberta à dialética da lembrança-esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”*¹³;

por compreendê-la como um fenômeno sempre atual, elo vivido no eterno presente, ao mesmo tempo afetiva e mágica, com raízes no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, Nora associa o seu desaparecimento ao dos grupos que a portam. Desaparecidas as sociedades tradicionais, desaparece a memória coletiva e instala-se a história e um novo modelo de lembrar/esquecer - a memória arquivística. Instala-se a história e novos lugares da memória, não mais os vivenciados pelos grupos, mas aqueles que são destinados a lembrar pelo grupo: arquivos, museus, bibliotecas.

Ponto de partida fundamental para a discussão acerca das relações entre história e memória, é a obra de Maurice Halbwachs, que abriu um novo caminho para o estudo da vida quotidiana e influenciou uma série de historiadores, seus contemporâneos, a exemplo de Lucien Febvre e Marc Bloch, considerados historiadores sociologizantes por buscarem uma história-problema. Uma história preocupada com a interpretação compreensiva e a análise, o estudo dos grupos e suas significações. Em seu livro *A Memória Coletiva*, escrito na primeira metade do século, Halbwachs defende a existência de uma distinção profunda entre a memória histórica e a memória coletiva¹⁴.

¹² MENEZES, Op.cit. p.13.

¹³ NORA, Op.cit. p.9.

¹⁴ Mais adiante trataremos dos mecanismos de constituição da “memória”, de acordo com as ideias de Halbwachs e Bergson.

Para Halbwachs, o fundamento da distinção entre ambas é a consideração de que a memória é sempre múltipla, que emerge de um grupo que ela une, o que significa dizer *"que há tantas memórias quantos grupos sociais existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada"*¹⁵. Assim, a memória trabalha com o vivido, com aquilo que ainda persiste no grupo. A História, ao contrário, em vez de plural seria singular; em vez de múltipla, seria única e, em vez de lidar com o vivido, *"trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou mesmo onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhos daquela lembrança"*¹⁶.

Assim, a 'memória histórica' suporia a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado (seria uma 'representação' do passado), enquanto que a "memória coletiva" recomporia magicamente esse passado. Decorrência desse raciocínio é a consideração de que o próprio termo "memória histórica" é quase um absurdo, porque associa dois conceitos que se excluem. Citemos Halbwachs:

"A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens (...). É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se acaba ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. (...) Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, (...) quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdido em novas sociedades para as quais esses fatos não interessem mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos

15 NORA, *Op.cit.* p.9.

16 MONTENEGRO, Antonio. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1992. P.17.

permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhos ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados?"¹⁷

É necessário, no entanto, compreender o quadro do debate em que Halbwachs se situa do ponto de vista do conhecimento histórico. Com que vertente desse pensamento dialoga? Sem dúvida, faz a crítica da concepção positivista de História, ainda hegemônica em sua época, apesar dos avanços promovidos pelo grupo de historiadores reunido em torno dos "Annales de Histoire Économique et Sociale". Critica o gosto pelo detalhe, pela especificidade, pelo fragmento; a sua preocupação centrada na singularidade e na busca de uma universalidade que, segundo Halbwachs, é confundida com a totalidade, ou seja, com a pura soma dos fragmentos.

"A história pode apresentar-se como a memória universal do gênero humano. Mas não existe memória universal. Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. (...) Apesar da variedade dos lugares e dos tempos, a história reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, o que lhe permite ligá-los uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. Somente assim, ela consegue nos dar uma visão em ponto pequeno do passado, apanhando num instante, simbolizando em algumas mudanças bruscas, em alguns avanços dos povos e dos indivíduos, lentas evoluções coletivas. É desse modo que ela nos apresenta uma imagem única e total. (...) Na realidade, aqueles que escrevem a história, e que

17 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed.Revista dos Tribunais, 1990. pp. 80-81.

registram sobretudo as mudanças, as diferenças, entendem que, para passar de um para outro, é preciso que se desenvolva uma série de transformações das quais a história não percebe senão a somatória. Tal é o ponto de vista da História, porque ela examina os grupos de fora, e porque ela abrange uma duração bastante longa¹⁸.

Sua argumentação se contrapunha a uma história que não se preocupava com as permanências e com as similitudes (que ocupam o primeiro plano na “memória coletiva”), mas exclusivamente com as mudanças e as diferenças. Daí a impossibilidade de pontos de contato entre “memória histórica” e “memória coletiva”. Daí a impossibilidade de se trabalhar a memória como documento histórico.

Atualmente, podemos encontrar vários estudos que se contrapõem a essas posições. É bem verdade que o patamar em que se encontra hoje a investigação histórica, é bem diferente. É importante destacar o impulso e o vigor que foram injetados nesse campo pela contribuição de outras áreas do conhecimento, em especial a Antropologia, e perceber como o “olhar” do historiador, hoje, está voltado também para as permanências, para as diferenças entre os distintos grupos sociais; um olhar impregnado pela incorporação da noção de “alteridade”, que possibilitou colocar em xeque a perspectiva etnocêntrica, sexista, elitista e excludente, hegemônica na pesquisa histórica até bem recentemente. Grande parte desse redirecionamento da área deve-se também ao desenvolvimento de uma sociologia interpretativa, da qual Halbwachs é representante. Seus estudos e teses sobre a memória dos grupos sociais, via releitura da obra de Émile Durkheim, foram de grande importância para o subsequente desenvolvimento das ciências humanas, entre elas, a História.

Assim, as reflexões de Nora nesse texto já clássico - “Os Lugares da Memória”¹⁹,

... marcam um retorno às idéias de Maurice Halbwachs sobre a estrutura social da memória, idéias que haviam inspirado Marc Bloch, mas que tinham sido negligenciadas

18 Idem, Ibidem, pp.85-88.

19 Primeira edição francesa, com o título “Entre Mémoire et Histoire. La Problématique des Lieux”. Les Lieux de Mémoire. Vol. I, La République. Paris: Gallimard, 1984.

pelos historiadores posteriores. Em suas preocupações com os usos do passado pelo presente, exemplifica uma abordagem "antropológica", uma antropologia reflexiva

20..

No que diz respeito à relação entre História e Memória, da mesma forma que autores como Jacques Le Goff, Ulpiano Bezerra de Menezes, Antonio Torres Montenegro e Afonso Carlos Marques dos Santos²¹, concordamos que seja muito importante reafirmar que se trata de coisas distintas. Não se pode, nem se deve confundi-las;

*"A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é a forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz."*²²

No entanto, se distintas, memória e história também são inseparáveis, caudatárias do oceano do tempo, mantendo muitos pontos em comum. Conforme aponta Montenegro, a história e a memória movem-se no tempo; para sermos exatos, movem-se no tempo passado e, em ambas, o que define a busca do passado é o presente. Uma - a história - busca compreender o fazer das sociedades humanas numa tripla dimensão temporal - passado, presente e futuro; a memória, por sua vez, opera em cada indivíduo (ou grupo social) um processo ulterior semelhante - passado, presente e futuro. Eis porque, operando na mesma dimensão e, sendo a história uma forma intelectual de conhecimento, compartilhamos da perspectiva de que

20 BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: EUNESP, 1991: pp.99-100.

21 LE GOFF, *Op.cit.*; MENEZES, *Op.cit.*; MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória*, São Paulo Contexto, 1992 e SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Memória, História, Nação: Propondo Questões*. In *Revista Tempo Brasileiro*, 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

22 MENEZES. *Op.cit.* p.22.

“... memória e tradição²³, enquanto produtores de um tempo determinado e de um conjunto social dado, podem e devem se constituir em matéria prima para o exercício crítico da pesquisa histórica, principalmente no terreno da história das idéias, da história intelectual ou da história das mentalidades coletivas.”²⁴

Sendo assim, e apesar de todo o ceticismo de autores como Pierre Nora, podemos afirmar que se abre um vasto terreno para a pesquisa histórica com a possibilidade de abordar as múltiplas dimensões da memória. Além disso, há que considerar que a memória, por si, não dá conta do passado. É necessária uma postura de estranhamento e distanciamento para que o seu conhecimento seja possível. *“Somente a História e a consciência histórica podem introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente. História é, com efeito, a ciência da diferença”*²⁵

Há que considerar que, apesar do alargamento, profícuo, do seu horizonte, a busca da diferença continua sendo uma de suas características fundamentais. Só ela é capaz de identificar a substância passada do passado, sem prejuízo dos interesses e direitos do presente.

Portanto, ao retomar a questão da expansão recente do campo memorial, reafirmamos a nossa perspectiva de que um dos aspectos mais vigorosos dessa preocupação com a memória é justamente a possibilidade de estudá-la para que seja possível recuperar os elementos que não foram registrados pela história oficial. Buscar a memória, como afirma Menezes, pode significar a escolha de uma de duas direções diametralmente opostas:

“A primeira é conservadora, vale-se da fetichização, quer para transformar a memória em mercadoria, quer para utilizá-la como instrumento de legitimação potenciado pelo

²³ A tradição é aqui compreendida como a memória exteriorizada como modelo. Modelo esse que está permanentemente sujeito à dinâmica social, o que quer dizer que não é, necessariamente, estático, cristalizado. Além disso, muitas tradições são “inventadas” e o seu estudo contribui para esclarecer as relações humanas com o passado. A sua relação com a história é bastante íntima, na medida em que *“toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a História como elemento legitimador e de coesão”*. (cf. Hobsbawm e Ranger, apud SANTOS, 1986: 6).

²⁴ SANTOS, Afonso C. M. dos. *Memória, História, Nação: Propondo Questões*. In *Revista Tempo Brasileiro*. n.87. Rio de Janeiro, 1986. p.10.

²⁵ MENEZES. *Op.cit.* p.12.

valor cultural. [A segunda é uma resposta] às alienações provocadas pela expropriação da memória e representa pelo menos a emergência de uma consciência política (...). [Nesta segunda direção] é que tem havido, recentemente, uma mobilização da memória como bandeira política e como combustível para movimentos sociais. Paralelamente, é a própria atividade profissional do historiador que é chamada a integrar essa militância da memória".²⁶

Tendo explicitado a abordagem em que nos apoiamos, no que diz respeito à possibilidade de tomarmos a memória como matéria prima para o exercício da pesquisa, na perspectiva da "história dos excluídos", torna-se necessário, ainda, responder a seguinte questão: de que forma se constrói a memória? E nos referimos aqui à memória compreendida como o mecanismo de lembrança e esquecimento do tempo vivido pelos indivíduos e pelos grupos sociais, ou seja, nos referimos à dimensão interior da memória.

Enfrentar essa discussão é, necessariamente, confrontar as teorias de dois pensadores que se debruçaram sobre o tema em grande parte de sua obra. São eles, o filósofo alemão Henri Bergson (1859-1941), que se preocupou com o estudo da psicologia da memória e o sociólogo Maurice Halbwachs, herdeiro da escola sociológica francesa de vertente durkheimiana, que se dedicou ao estudo das relações entre a memória e a história, conforme tivemos a oportunidade de discutir anteriormente.

Entre ambos há diferenças teóricas e metodológicas que se consubstanciam na oposição acerca do estatuto do plano psicológico no que diz respeito à formação da memória. Se, para Bergson, é fundamental o papel do corpo, para Halbwachs, só o plano social contém os elementos capazes de explicar também o individual; sem aquele, este é incompleto.

As teses de Henri Bergson representaram, no campo da filosofia ocidental, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, uma oposição aos paradigmas até então dominantes: o cientificismo e o positivismo. Seus estudos sobre a

²⁶ Idem. *Ibidem*, pp.21-22.

memória contribuíram muitíssimo para a ampliação dos domínios da Psicologia que, até então, também esteve impregnada pelo espírito cientificista. Os fenômenos psíquicos recebiam um tratamento objetivista, calcado na mensuração, na quantificação, e todos os estudos se debruçavam sobre o cérebro e as localizações cerebrais das funções psíquicas. É no debate com esta corrente que se situa a obra de Bergson. A partir da elaboração de dois conceitos básicos - o "eu superficial" e o "eu profundo", discutirá com seus contemporâneos (materialistas e deterministas) no campo mesmo que lhes agradava, ou seja, a partir de noções que defendiam: a de medida em Psicologia e a redução do mental ou do espiritual ao meramente cerebral.

E, neste campo, se Bergson reconhece que a inteligência, a atividade intelectual típica do "eu superficial", é que possibilita a sobrevivência do Homem e a própria ciência (justificando, assim, os estudos realizados por seus contemporâneos); por outro lado, identifica os seus limites. E quais são eles? A inteligência opera através da construção de conceitos e do procedimento analítico e, ao fazê-lo, acaba por fragmentar e fixar a realidade que é, em si mesma, contínua mudança qualitativa. Ou seja, para Bergson, o "eu superficial", automatizado, pragmático, espacializado, acorrentado à necessidade de resolver as questões práticas da sobrevivência e da vida em sociedade, enfim, esse "eu" totalmente determinado (que não permite ao homem o exercício do livre arbítrio), não consegue, através do uso da inteligência, compreender a realidade:

*"... o conceito deixa escapar a natureza mesma do objeto concreto. O conceito (...) só pode simbolizar uma propriedade especial tornando-a comum a uma infinidade de coisas (...). A inteligência que se move no plano das abstrações está fadada, portanto, a permanecer no nível das relações entre os objetos, sendo incapaz de apreender o que cada objeto tem de essencial e de próprio ..."*²⁷

Para Bergson, a busca do essencial, ou seja, o mergulho na intimidade do real concreto, só pode ocorrer sem a mediação da inteligência. O estabelecimento da plena relação entre a intimidade do

27 Cf. Bergson, citado por PESSANHA, José Américo M. *Bergson. Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural, 1989; pp.116-117.

sujeito - o “eu profundo” (que é puro dinamismo e constitui a verdadeira personalidade do indivíduo) - e a intimidade do objeto, só pode ocorrer através daquilo que o autor entende por “intuição”.

*“Ao contrário da análise, que multiplica indefinidamente os pontos de vista tentando completar a representação do objeto, a intuição coloca-se no próprio objeto. E, ao contrário do conceito que espacializa a duração real e estagna o movimento (reduzindo-o ao espaço, à trajetória), a intuição, destituída de motivos utilitários, permitiria a apreensão do que é a vida, dinamismo, mudança qualitativa, duração, criação (...)”.*²⁸

Sendo assim, o “eu profundo” fluiria em perpétua mudança por trás da aparência do “eu superficial”. E é através da memória, enquanto atividade unificadora, que esse processo todo se viabiliza. Para Bergson, *“a duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente”*. Em relação a seus contemporâneos, a concepção de Bergson representou um grande avanço no campo da Psicologia, e seu livro *Matière et Mémoire*, publicado na França, em 1897, se constitui, ainda hoje,

*“[no] centro de debates sobre tempo e memória, provocando reações que ajudaram a Psicologia social a repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança ao corpo de idéias e representações que se chama, hoje, correntemente, ideologia”.*²⁹

Para as teses que se sustentavam no esquema biológico determinista hegemônico, em fins do século XIX, o estudo do sistema nervoso central e o reconhecimento da localização cerebral das funções psíquicas constituía o objeto da Psicologia; Bergson avançará no sentido de demonstrar que o cérebro não funciona como produtor das percepções, mas que assume ora o papel de condutor, ora o de bloqueador delas. Aliás, é a experiência da percepção o eixo a partir

28 Idem. *Ibidem*, p.117.

29 *IBISI*. Op.cit. p.6.

do qual Bergson inicia a sua análise sobre a memória³⁰. Há que considerar o papel central que o corpo ocupa na formulação bergsoniana, pois é ele, ao mesmo tempo, o veículo de comunicação do eu com a realidade exterior, é o local de trânsito das sensações, e também é a manifestação mais acabada de um presente contínuo. A corporeidade é uma imagem sempre presente, que

*"...convive no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito. (...) esse presente contínuo se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos que definem ações e reações do corpo sobre um ambiente."*³¹

Tal processo desenrola-se por meio das sensações que, como já foi dito, transitam pelo corpo:

*"...as sensações (...) não são as imagens percebidas por nós fora de nosso corpo, mas antes inclinações localizadas em nosso próprio corpo. Portanto, ele resulta da natureza e da destinação de nosso corpo (...) que, cada um de seus elementos dito sensitivos tem sua ação real própria (...) sobre os objetos exteriores que ele, ordinariamente, percebe, de maneira que compreenderemos assim porque cada um dos nervos sensitivos parece vibrar segundo um modo determinado de sensação"*³²

Ocorre, no entanto, que nem sempre o corpo, através do cérebro, veicula um determinado estímulo de forma a transformá-lo em ação. Quando isso acontece, isso é, quando um determinado estímulo não é devolvido ao mundo exterior sob forma de ação, ocorre o fenômeno da percepção. Assim, a percepção e também a consciência acabam por ser o resultado de um processo inibidor realizado no centro do sistema nervoso; a inibição de uma sensação que não se consolida em ação, mas se torna representação. Assim, no esquema

30. Ecléa BOSI, no capítulo I de seu livro *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos* (1987), reconstitui de forma brilhante a trajetória teórica de Bergson acerca da memória. Seu livro e o artigo "Bergson e Halbwachs: Retomando o Debate" (1986), do sociólogo André LAINO, constituem o pano de fundo de nossa breve síntese sobre a obra do autor.

31. *Idem*. *Ibidem*. p.6.

32. Cf. Bergson, citado por LAINO, André. *Bergson e Halbwachs: Retomando um Debate*. In *Revista Tempo Brasileiro*. N 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, pp.26-7.

bergsoniano, como colocamos acima, o cérebro pode assumir tanto o papel de condutor de uma ação, quanto o de bloqueador (caso de quando ocorre a percepção, a consciência).

*"... este corpo não pode armazenar as imagens, de vez que ele faz parte das imagens... É então o lugar de passagem dos movimentos recebidos e reenviados, o traço de união entre coisas que agem sobre mim e as coisas sobre as quais eu agi, a sede, em suma, dos fenômenos sensório-motores".*³³

A discussão sobre a percepção é muito importante para a compreensão das suas teses sobre a memória. O seu eixo principal é a oposição entre perceber e lembrar, ou melhor, entre a percepção atual e aquilo que chamará de lembrança. E aqui se coloca a questão da passagem do tempo.

*"Se é verdade que cada ato perceptual é um ato presente, uma relação atual do organismo com o ambiente, é também verdade que cada ato de percepção é um novo ato. Ora, "novo" supõe que antes dele aconteceram outras experiências, outros movimentos, outros estados de psiquismo".*³⁴

Responder a esta questão é um desafio para Bergson, uma vez, que como já dissemos, ele pensa o lembrar e o perceber como opostos. No entanto, ao discorrer sobre a passagem da percepção para a consciência, o autor alude à idéia de que a percepção não é um mero resultado de uma interação do ambiente com o sistema nervoso. Coloca que a percepção, as representações, estão sempre impregnadas de lembranças, que há uma conservação subliminar, inconsciente, de toda a vida psicológica já transcorrida que acaba por combinar-se com o processo corporal e presente da percepção.

"É chegado o momento de reintegrar a memória na percepção (...) de determinar, assim, com maior precisão, o ponto de contacto entre a consciência e as coisas, entre o corpo e o espírito (...) sobrevivência das imagens

*passadas, estas imagens misturar-se-ão constantemente à nossa percepção do presente (...) elas se conservam para se tornarem úteis: a todo instante elas completam a experiência presente, enriquecendo-a de experiência adquirida (...) o fundo de intuição do real (...) sobre o qual se estende nossa percepção do mundo exterior, é pouca coisa em comparação com tudo aquilo que nossa memória lhe adiciona".*³⁵

Sendo assim, reintegrando a memória na percepção, Bergson avança, indicando que é justamente a memória que permite a relação do corpo presente com o passado, e que também, e ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. A memória constituiria, assim, o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas, o lastro do "eu profundo", único capaz de penetrar a intimidade do objeto e deixar-se penetrar por ela.

*"Nossa vida psicológica normal oscila (...) entre estas duas extremidades. De um lado, o sensorio-motor orienta a memória (...) e, de outro, por esta mesma memória (...) exerce uma pressão para a frente, para inserir na ação presente a maior parte possível dela mesma".*³⁶

Assim, é por existir a memória que podemos definir o presente, escolhendo entre as alternativas que um novo estímulo pode oferecer:

*"...A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou: a memória é essa reserva consciente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida".*³⁷

35 Cf. Bergson, citado por LAINO. *Op.cit.*, p.27.

36 Idem. *Ibidem.* p.32.

37 BOSI. *Op.cit.* pp.9-10.

Ou seja, para concluir, o presente é que requisita a resposta da lembrança. No entanto, as teses de Bergson não param neste ponto, ele considera fundamental distinguir entre dois tipos de memória: a memória - hábito e a memória - recordação. A primeira corresponderia à memória psicofisiológica, que repete e torna sempre presente o efeito prático de experiências passadas. É uma memória fixada no organismo, que simula a experiência passada mas não evoca a imagem. A memória-hábito é adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição dos gestos ou palavras. É um processo que se dá pelas exigências da socialização, um serviço para a vida cotidiana, faz parte de todo o nosso adestramento cultural. É a memória dos mecanismos motores.

*"A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito tenha organizado, é então uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira imagem do passado serve de base (...) De um lado (...) a memória do passado apresenta para os mecanismos sensório-motores todas as lembranças capazes de guiá-los em sua tarefa, e de dirigir a reação motor, no sentido sugerido pelas lições da experiência (...) Mas, de outro lado, os aparelhos sensório-motores fornecem às lembranças impotentes (...) o meio de tomar um corpo, de se materializar..."*³⁸

Já a outra memória, a memória - recordação, corresponde às lembranças isoladas, singulares, independentes de quaisquer hábitos, quase que autênticas ressurreições do passado; a memória que não precisa de repetição para conservar uma lembrança, pois é a lembrança pura. Lembrança que constitui fluxo temporal interior do ser. Ser este - o Homem - que se distingue dos demais porque conserva o seu passado e o atualiza no presente. Ser que tem tradição, que tem história, que reproduz o passado enquanto passado, revivendo-o.

"...A memória-recordação registra sob a forma de imagens-lembranças, todos os

38 Cf. Bergson, Citado por LAINO. Op.cit. p.31

*acontecimentos de nossa vida cotidiana, à medida que eles se desenrolam, sem negligenciar nenhum pormenor, ao contrário, deixando 'a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data'. Essa seria a memória verdadeira, que recupera o próprio passado, sem intenção utilitária. Para evocar desse modo o passado, sob a forma de imagens, é necessário, todavia, abstrair-se da ação presente, 'é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar'.*³⁹

Ou seja, a lembrança só aparece através da evocação, via memória. Não ocorre mecanicamente como na memória-hábito, incorporada ao cotidiano, parecendo fazer um só todo com a percepção do presente.

Enfim, para Bergson, a memória tem uma dinâmica interna: parte de uma imagem qualquer e, através de inúmeras associações a outras imagens, forma um sistema. Dessa forma, a recordação é dinâmica, é móvel, varia de acordo com o ponto de partida e os elementos tomados para se estabelecer as associações. É essa concepção da memória enquanto fenômeno dinâmico e, de certa forma, livre, que contrapõe claramente as teses bergsonianas às de seus contemporâneos, que buscavam localizar a sua posição em determinado lugar do cérebro.

"Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança 'vive' em estado latente, potencial. Esse estado, porque está abaixo da consciência atual ('abaixo', metaforicamente), é qualificado de 'inconsciente'. O mal da Psicologia clássica, racionalista, segundo Bergson, é o de não reconhecer a existência de tudo o que está fora da consciência presente, imediata e ativa. No entanto, o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é sobretudo o de colher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é a consciência atual. (...) Logo, a própria ação da consciência supõe o "outro"(...). É

39 PESSANHA, Op.cit.p.118.

*precisamente nesse reino de sombras que se deposita o tesouro da memória".*⁴⁰

Concluindo, para Bergson, a memória é conservação do passado, que sobrevive, "...quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente"⁴¹, em cada indivíduo.

O ponto de partida de Halbwachs para seus estudos sobre a memória é completamente diferente do de Bergson. Para ele, a memória só pode ser compreendida a partir do plano social, ela só existe no interior de um grupo social e assim o é porque, na verdade, a memória é por ele concebida como uma reconstrução do passado inspirada, exigida pelo presente. A principal influência de Halbwachs foi, sem dúvida alguma, a obra de Émile Durkheim, o primeiro sociólogo a realizar pesquisa de campo, partindo das hipóteses de Auguste Comte acerca da primazia do "fato social" e do "sistema social" sobre fenômenos de ordem psicológica, individual. A sociedade concebida por Durkheim é, em primeiro lugar, uma "massa social". Noção, aliás, também presente nas duas obras principais de Halbwachs sobre a memória: *Le Cadres Sociaux de la Mémoire* e *La Mémoire Collective*⁴².

Essa massa social, uma unidade orgânica, envolve, penetra, se faz sempre presente sobre o indivíduo, regulando a sua conduta. Indivíduos que é a sua imagem e semelhança.

*"As representações, as emoções, as tendências coletivas não têm como causas geradoras certos estados de consciência individual, mas as condições em que se encontra o corpo social em seu conjunto."*⁴³

Ao reconhecer essa preexistência e esse domínio do social sobre o individual, Halbwachs, ao contrário de Bergson, desconsiderará o papel desempenhado pelo corpo do indivíduo em seus estudos sobre a memória. Substituirá o corpo biológico do homem pelo corpo social. Inverterá a equação e buscará investigar como as idéias e representações produzidas pela sociedade

40 BOSI, *Op.cit.* p.14.

41 *Idem.* *Ibidem.* p.15.

42 *Le Cadres Sociaux de la Mémoire.* Paris: Alcan, 1925; *La Mémoire Collective.* Paris: PUF, 1950.

43 LAINO, *Op.cit.* p.18.

influenciam a vida psicológica dos indivíduos. Buscará aquilo que faltava em Bergson, o tratamento da memória como um fenômeno social; estudará os "quadros sociais da memória", perseguindo a realidade interpessoal das instituições sociais.

A relação entre sociedade e memória é muito forte em Halbwachs. É tão forte que, da mesma forma que em Durkheim, a "situação atual" imprime, mesmo, o sentido e o ritmo da própria "evocação". Ou seja, é esta força social que interliga as "representações atuais" a um quadro preexistente. Halbwachs afirma que:

"Um dos defeitos mais graves da psicologia clássica (...) é que, limitando-se ao estudo do homem isolado, ela descuida-se de múltiplos fatores que afetam externamente o indivíduo, tais como as instituições, os costumes, as trocas de idéias e sobretudo a língua que, desde a infância, condiciona, ao longo da vida, seu entendimento, seus sentimentos, seu comportamento e suas atitudes de maneira que seria inconcebível para um indivíduo isolado (...) Uma realidade mental que ultrapassa as mentalidades individuais, contribuindo para constituir-las; tal é a natureza essencial das representações coletivas".⁴⁴

É neste princípio que as ciências sociais devem inspirar-se: a sociedade se compõe de grupos e não de indivíduos. Assim sendo, tem-se claro que as lembranças, por mais que pareçam ser individuais, na verdade são o resultado das experiências vivenciadas por cada indivíduo, ao longo do tempo, em cada um dos lugares onde as tenha vivido. É dessa massa social, que está continuamente a envolvê-lo e penetrá-lo, que emanam as representações, as lembranças que, aparentemente, são individuais. É dos grupos sociais, encarnação do tempo presente vivido pelo sujeito, que se desencadeia o curso da memória. É a partir dessa inserção social (ou inserções sociais), e da situação presente que o oceano da memória pode ser navegado.

"O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional.

44 Cf. Halbwachs citado por LAINO. Op.cit.17.

*Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. (...) O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista."*⁴⁵

No que diz respeito ao tratamento e a dimensão dados ao plano do psicológico, tanto Durkheim quanto Halbwachs o consideram atrelado e dependente do plano sociológico; ao contrário de Bergson, para quem o psicológico tem lugar de destaque na questão da ruptura com o senso comum.

Segundo LAINO⁴⁶, as diferenças teóricas e metodológicas mais significativas entre Durkheim/Halbwachs e Bergson centram-se na concepção de "sociedade". Para os primeiros, ela, a sociedade, é a matriz de tudo, moldando, inclusive, o plano psicológico. Já, para Bergson, a sociedade pode ser o fio condutor que, no entanto, pode ser superado através de um movimento que se dá no plano psicológico: *"para inovar... descobrir... acordar... o indivíduo pode escapar momentaneamente de sua sociedade..."*.

No entanto, prosseguindo o raciocínio de LAINO, há entre essas duas concepções um pano de fundo comum que é a visão de sociedade. Se para Halbwachs e Durkheim ela é um instrumento de direcionamento e, para Bergson é a razão de uma busca de liberação, ambos se ancoram numa mesma matriz que é J.J. Rousseau e

"...sua concepção de sociedade como necessária pela pressão que mantém o equilíbrio e existência dos seres humanos, [e

45 BOSL. Op.cit.p.17.

46 LAINO, André. *Bergson e Halbwachs: Retomando um Debate*. In *Revista Tempo Brasileiro*.

que] contém, igualmente, outra dimensão: a vertente de que esta mesma pressão é o embrião gerador da necessidade de sua superação individual".⁴⁷

Decorrente de suas concepções de sociedade, Bergson pensa a lembrança como atividade puramente individual, como conservação total do passado, enquanto Halbwachs vincula a memória individual à memória coletiva, compartilhada pelo grupo, a tradição. Daí que, para reconstituir, rememorar esse passado,

*"É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros (...), o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser, ao mesmo tempo, reconhecida e reconstituída".*⁴⁸

Ou seja, para Halbwachs, lembrar só é possível enquanto atividade coletiva. Enquanto não somos um ente social (a primeira infância, por exemplo), as nossas impressões sobre o que ocorre à nossa volta não podem ser lembradas porque não encontram ancoradouro em nenhuma referência objetiva. Embora invisíveis, como a atmosfera que respiramos, afirma o autor, embora a maioria das influências sociais que obedecemos nos passem despercebidas, como se a nossa lembrança fosse um fenômeno puramente individual, são as "correntes de pensamento social", condição para a nossa existência, para a existência do nosso passado e para a sua evocação. Para Halbwachs, na verdade, o nosso passado compreende duas espécies de elementos: aqueles que nos é possível evocar quando queremos (porque se conservam em grupos com os quais mantemos relações próximas, cujos códigos e pensamentos nos são familiares) e aqueles que, ao contrário, não fluem com facilidade quando os procuramos no passado (porque os grupos que os trariam até nós estão mais distantes no tempo ou no espaço). Mas, de que forma ocorre esta evocação? De que forma o pensamento coletivo penetra o individual? Para Halbwachs, o principal instrumento socializador da memória é a

47. LAINO. *Op.cit.* p.38.

48. HALBWACHS. *Op.cit.* p.34.

linguagem. Uma memória é sempre um discurso socializado pela linguagem.

*"Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. ... as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador".*⁴⁹

Entre as noções gerais que não abandonam o homem, sequer no sonho, destacam-se as relações de espaço, de tempo, de causa e de consequência. As noções gerais veiculadas pela linguagem, elaboradas socialmente, agem no interior da lembrança, no âmago da imagem evocada. Assim subsistem as lembranças.

Tal e qual o historiador, o rememorador também não pode reviver o passado, só lhe resta, portanto, a possibilidade de refazer, no discurso presente, com as noções do presente, aquilo que se passou, a partir dos indícios que sobreviveram à passagem do tempo. É importante ressaltar que é impossível relembrar aquilo que desapareceu completamente, sem deixar vestígios. Só se pode rememorar o que sobrevive no presente.

No entanto,

*"... se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Essa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais identidade para cada um deles. Diríamos (...) que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios".*⁵⁰

49 BOSI. Op.cit. pp.18-19.

50 HALBWACHS. Op.cit. p.50.

Para Halbwachs, portanto, os indivíduos estão sujeitos a múltiplas influências sociais, se constituem como ponto de convergência de vários pensamentos presentes nos grupos de que fazem parte. Portanto, ao contrário de Bergson, Halbwachs considera que ao indivíduo é impossível conservar integralmente o passado; ele o reconstrói a partir de imagens e idéias destes grupos e a partir do lugar que ocupa em seu interior. No processo de rememoração, a ação do sujeito e os diversos grupos sociais estão presentes, e este processo tem a ver com sua historicidade passada e presente. Daí podemos inferir que rememorar é construir e reconstruir permanentemente, é realizar um trabalho sempre atual em que a história (do indivíduo, da comunidade, do grupo) é sempre reavaliada, recriada, redefinida.

É nessa concepção que nos fundamentamos: a memória é, sobretudo, um trabalho. Se ela é algo que preenche e ocupa todos os lugares, se é

*“... um substrato, repositório dos produtos do nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente... [É também] uma reflexão sobre o passado, um debruçar-se sobre esses vestígios presentes para seleccioná-los, agregá-los, condensá-los, destrinchando a espessura temporal do agora, para dar sentido, não tanto ao passado, como ao próprio presente. A memória é, assim, uma forma de ação, uma ação representativa, parte da atividade auto-representativa que uma sociedade, grupo ou indivíduo produzem de si, para assumirem e defenderem sua identidade e para orientarem sua ação individual ou coletiva...”*⁵¹

No entanto, tal memória, fixadora de sentidos e identidades, ao ser considerada um trabalho, uma forma de ação, pode também ser entendida como uma indagação ao tempo presente para, nele, identificar as diferenças, as transformações em relação ao passado. É este caminho, apontado por Guarinello, que julgamos bastante interessante, uma vez que recupera a memória como algo vivo, uma

51 GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória Coletiva e História Científica*. In *Revista Brasileira de História*. N.28. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1994, pp.187-8.

memória ativa, que afirma o "*poder e a força da ação humana sobre sua própria história, desnaturalizando o tempo humano*".⁵²

Tomando de Halbwachs a noção de memória como produto da vida social, elemento da ação coletiva, Guarinello avança, apontando que ela é também uma reflexão sobre a mudança (negando, portanto, a base da distinção elaborada pelo próprio Halbwachs entre História - que estuda a transformação e Memória - expressão da permanência), o que permite concluir que o campo da memória é também um campo de conflito, porque ela é um instrumento e um objetivo de poder. Não se trata, portanto, de um campo harmônico, onde reine a hegemonia de uma ou outra corrente de pensamento; pelo contrário, por ser veículo de poder, é que assistimos hoje a esse "boom", a essa explosão de novas memórias, especialmente a dos excluídos.

Para as ciências sociais, parece-nos, é essa memória, compartilhada pelos grupos sociais, que tem relevância. Como afirma Menezes⁵³ "*a memória individual [só nos interessa] nos quadros da interação social*". É só esta memória, compreendida como um sistema organizado de lembranças, que tem com suporte um grupo espacial e temporalmente situado, que realiza o objetivo de assegurar a coesão e solidariedade deste mesmo grupo, necessitando ser constantemente reavivada, que deve interessar aos cientistas sociais. E, neste sentido, concordamos mais uma vez com Menezes, o estudo da memória conduzido no domínio das representações sociais parece ser bastante promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade; Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia*. A Escola dos Annales. 1929-1989. São Paulo: UNESP, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- DOSSE, François. *A História em Migalhas; dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio/Campinas: UNICAMP, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. In J. A. Giannotti (Org.). *Durkheim*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

52 Idem. *Ibidem*, p.189.

53 MENEZES, *Op.cit.* p.14.

- _____. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. In J. A. Giannotti (Org.). **Durkheim**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FERRO, Marc. **História Vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **El Antropólogo Como Autor**. Barcelona: Paidós, 1989
- GINZBURG, Carlo. **A Micro História e Outros Ensaio**s. São Paulo: DIFEL, 1991.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória Coletiva e História Científica*. In **Revista Brasileira de História**, n.28. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Thesaurus, 1990.
- LAINO, André. *Bergson e Halbwachs: Retomando um Debate*. In **Revista Tempo Brasileiro**, n. 87. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *A História, Cativeiro e Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais*. In **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.34. São Paulo, 1992.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1992.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares*. In **Projeto História**, n. 10. São Paulo, EDUC, 1993.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESSANHA, José Américo Motta. **Bergson: Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. Coleção Os Pensadores.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Memória, História, Nação: Propondo Questões*. In **Revista Tempo Brasileiro**, n. 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.